

Considerações sobre a constituição dos cartéis e da função do “mais-um”*

Glaucia Nagem de Souza

Este trabalho surgiu de questões sobre o que é um cartel e como eleger o “mais-um”. É um breve levantamento de três textos nos quais Lacan fala sobre cartéis: *Ata de Fundação da Escola Freudiana de Paris* (1964), *Transcrição das Discussões das Jornadas de Cartéis* (1975) e *D'Écolage* (1980). O primeiro e o último texto têm entre si 16 anos, nos quais Lacan avança em muitos aspectos de sua teoria. Teria o conceito de cartel mudado neste ínterim?

Em *Ata de Fundação*, Lacan institui, para a execução do trabalho na Escola, o “princípio de uma elaboração baseada num pequeno grupo”, que na nota anexa a esta ata denomina “cartel”. Surge aí o que seria o ato inaugural na constituição da EFP. Mas como diferenciá-lo, por exemplo, do grupo de estudos, do grupo operativo, enfim, dos grupos? Talvez a quantidade de participantes não seja fator determinante da diferença. Nas teorias de grupo, sempre se determina um mínimo e um máximo de membros para sua constituição e funcionamento.

Nesta primeira menção ao cartel, em 1964, Lacan utiliza o termo “pequeno grupo”, o que poderia causar certa confusão sobre as diferenças entre aquilo que propõe e outras formações de grupo. Em 1980, ao retomar as características do cartel, ele não chama mais “grupo”: “Quatro se escolhem para levar a cabo um trabalho que deve ter seu produto. Preciso: um produto próprio de cada um, e não coletivo.”

Na *Ata*, ele já nomeia o “mais-um”, talvez o termo mais controverso em relação ao funcionamento do cartel. É bem verdade que, se nos restringirmos ao texto de 1964, o “mais-um” não se diferencia tanto do condutor, do coordenador de um grupo, pois esse texto diz que o “mais-um” é encarregado da seleção, da discussão e do destino reservado ao trabalho de cada um. Nisto estaria embutida uma “con-

* Trabalho apresentado nas Jornadas Nacionais de Cartéis da EPCL – AFCL, I, 2003, abril; São Paulo, Brasil.

cepção pela via imaginária da hierarquia, do ideal e da chefia"? Tendo o "mais-um" sido encarregado de dirigir, como diferenciá-lo de um cargo de direção, de uma *chefferie* (caciquismo)?

Em 1975, nas três primeiras plenárias das Jornadas de Cartéis, o tema central foi o "mais-um". Os relatos dessas plenárias trazem muitas idéias interessantes, assim como algumas idéias distorcidas. Durante as discussões, contudo, Lacan introduz uma diferença em relação ao que está na Ata, pois equipara a estrutura dos cartéis e a função do "mais-um" à estrutura do nó borromeu. Nesse momento, Lacan está em seu *O seminário, livro 22: R.S.I.*, e sua abordagem se baseia cada vez no nó borromeano.

Quero dizer que esse "mais-uma" [...] não quero me vangloriar de tê-la antecipado sobre algo que tento articular sob a forma do nó borromeano. Não se pode deixar de reconhecer, nesse "mais-uma" [...] que se refere estritamente a isso que escrevi: $x + 1$ é precisamente o que define o nó borromeano, e é a partir de reiterar este um – que no nó é qualquer um – que se obtém a individualização completa, ou seja, que no que sobra – a saber, do x em questão –, não há mais que um por um.

Em 1980, Lacan retoma o cartel pelo viés do nó, acrescentando que o "mais-um" pode ser qualquer um, mas deve ser alguém. Isso, provavelmente, em resposta ao que surgiu nos relatos das jornadas de cartéis de 1975 a respeito de cartéis funcionando sem um "mais-um", confundindo, muitas vezes, a função de ausência com a ausência de pessoa. O "mais-um" passa, assim, a ser encarregado de "velar pelos efeitos internos do empreendimento e provocar sua elaboração".

A partir de 1980, portanto, o "mais-um" está em alguém com a ~~função de velar para que se evitem os efeitos de grupo~~, os quais Lacan chama *D'Écolage*. Este termo porta, em sua sonoridade, o sentido de cola entre os participantes de um grupo, assim como o efeito *d'école*, em lembrança aos vícios da Escola. Vale sublinhar que, nesse mesmo ano, aconteceu a dissolução da EFP, da qual o próprio Lacan estava *decolando*.

O que se repete em 1964 e em 1980, e que não pode ser ignorado, é o termo "elaboração", como sublinha Maria Lessa de Barros Barreto em *Cartel – cardo, gonzo, dobradiça* (1999), isto é, isso que parece ser um elo significativo para Freud do que há de inaugural na descoberta do inconsciente, posto que é nesse sentido que estão situados os trabalhos do sonho (*Traumarbeit*), da análise (*Durcharbeitung*), do luto (*Trauerarbeit*) e da dissolução (*Untergang*).

Algumas questões, todavia, persistem, talvez a cada vez que um cartel se constitui. Como sustentar a função de “mais-um”? Como eleger esse alguém? Elegendo-se alguém entre aqueles que se reúnem, como evitar os efeitos de grupo? Elegendo-se alguém que não as pessoas que se reúnem, como evitar a mestria?

Vinte e três anos depois de seu texto *D'Écolage*, estamos ainda em torno do que, segundo Lacan, é o órgão de base da Escola.

Referências bibliográficas

BARRETO, Maria Lessa de Barros. (1999) Cartel – cardo, gonzo, dobradiça. *Letra Freudiana*. Rio de Janeiro, n. 0, s/d.

LACAN, Jacques. (1964) Ata de fundação da Escola Freudiana de Paris. *Letra Freudiana*. Rio de Janeiro, n. 0, s/d.

LACAN, Jacques. (1964) Nota anexa. *Letra Freudiana*. Rio de Janeiro, n. 0, s/d.

LACAN, Jacques. (1980) *D'Écolage*. *Letra Freudiana*. Rio de Janeiro, n. 0, s/d.

LACAN, Jacques. (1975) Transcrição das discussões das Jornadas de Cartéis. *Letra Freudiana*. Rio de Janeiro, n. 0, s/d.

LACAN, Jacques. *O seminário, livro 22: R.S.I.* (1974-1975). Inédito.



Bárbara Guatimosim [ORGANIZAÇÃO]

Em torno do cartel

a experiência na Escola de Psicanálise
dos Fóruns do Campo Lacaniano

Associação Fóruns do Campo Lacaniano